

Vol. 18, número 2, jul-dez, 2025, pág. 663-683

**Arte e Cultura: manifestação da étnica dos povos indígenas no EJA:
Educação de jovens e adultos**

**Art and Culture: manifestation of the ethnicity of indigenous peoples in
YAE – Education for young people and adults**

Klévia Paes Monteiro¹

Jane da Silva Paes²

Resumo: O presente estudo é resultado de um projeto que visou a manifestação da cultura dos povos indígenas no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com foco na promoção da arte e cultura indígenas como instrumentos de inclusão e valorização da diversidade cultural na região amazônica. Por meio de um projeto extensionista realizado em uma escola pública de Urucará (AM), foram desenvolvidas atividades que integraram dança, música e debates sobre identidade cultural, proporcionando aos alunos o reconhecimento das raízes indígenas presentes em sua realidade cotidiana. O estudo discute os desafios e benefícios do ensino culturalmente situado na EJA, enfatizando a importância da valorização das culturas indígenas para a construção de uma educação plural, crítica e democrática. Os resultados indicam que a incorporação da cultura indígena no ambiente escolar contribui para a ampliação do conhecimento, o fortalecimento da identidade cultural e a promoção da inclusão social, além de estimular o respeito e

¹ Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial - Faculdades Idaam, especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG), especialista em Metodologia em História e Geografia pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG), graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em licenciatura em História pela Universidade Estácio de Sá - Amazonas. Graduanda em enfermagem pela Fametro - AM (Pólo Urucará). Professora no Centro educacional de tempo integral Pedro Falabella – Urucará/AM. E-mail: kleviapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0140-2857>

² Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Bacharela em Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais – UFAM. Professora de cursos livres em psicologia pelo Instituto de Ensino Vision. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN (FAPSI/UFAM). E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

a preservação das tradições locais. Ressalta-se a necessidade de políticas educacionais mais efetivas e continuadas que considerem a diversidade cultural da Amazônia, garantindo espaços pedagógicos que valorizem e reconheçam os saberes ancestrais como parte fundamental do processo educativo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Cultura Indígena; Inclusão; Amazônia

Abstract: This study is the result of a project that aimed to express the culture of indigenous peoples in the context of Youth and Adult Education (YAE), focusing on the promotion of indigenous art and culture as tools for inclusion and valorization of cultural diversity in the Amazon region. Through an extension project carried out in a public school in Urucará (AM), activities involving dance, music, and discussions about cultural identity were developed, enabling students to recognize the indigenous roots present in their everyday reality. The study examines the challenges and benefits of culturally situated teaching in EJA, emphasizing the importance of valuing indigenous cultures for building pluralistic, critical, and democratic education. The results indicate that incorporating indigenous culture into the school environment contributes to knowledge expansion, cultural identity strengthening, and social inclusion promotion, as well as stimulating respect for and preservation of local traditions. The study highlights the need for more effective and sustained educational policies that consider the Amazon's cultural diversity, ensuring pedagogical spaces that value and acknowledge ancestral knowledge as a fundamental part of the educational process.

Keywords: Youth and Adult Education; Indigenous Culture; Inclusion; Amazon

Introdução

O presente estudo é oriundo do projeto de extensão da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), vinculado ao curso de Enfermagem. Intitulado "Arte e Cultura para Todos: Expressão e Inclusão na Escola", o projeto teve como foco a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Reunidos do Tio Pedro, situada no município de Urucará, Amazonas. A ação foi realizada em consonância com o Dia dos Povos Indígenas, considerando a vasta presença e influência cultural de diversos povos indígena na região. O principal intuito do projeto foi promover a livre manifestação cultural indígena em meio ao ambiente escolar, valendo-se da arte como parte integrante do processo de inclusão e valorização cultural.

A fundamentação teórica acerca da intervenção, foi realizada a partir de levantamentos bibliográficos que abordaram a arte como expressão cultural e sua

importância na educação, especialmente no contexto do ensino de jovens e adultos (EJA). A arte, conforme Santos & Pappámikail (2017), é entendida como o resultado do processo criativo humano, utilizando-se do conhecimento técnico e estilo próprio, podendo levar a um pensamento construtivo, crítico e autônomo. Ademais, a arte deve ir além, ultrapassando barreira e proporcionando a democratização cultural, evidenciando culturas populares, como a indígena, tornando a escola mais atrativa e igualitária, proporcionando a inclusão de culturas regionais, refletindo a realidade cultural do lugar de origem.

Na EJA a forma de se fazer educação e cultura precisa estar adequada à realidade do sujeito, para tanto, busca-se compreender a pessoa em sua integralidade, reconhecendo-o como um indivíduo socializado, integrante de uma cultura, autor da própria história e coautor de uma rede de construções étnicas de um povo. A arte, nesse contexto, integra um fenômeno vivido individual e coletivamente, agregando intensidades, sentidos e significados que impactam a vida humana (Pinheiro & Paes, 2024).

A Educação de Jovens e Adultos ocupa papel significativo no sistema educacional brasileiro, atendendo à necessidade de milhões de pessoas que, por diversas razões, não tiveram acesso à educação na idade considerada ideal. Apesar das iniciativas positivas, inúmeros desafios persistem, como a insuficiência de recursos, dificuldades logísticas e a abrangência das singularidades regionais que nem sempre são atendidas (Souza, et al., 2025). Nesse cenário, projetos como o presente tornam-se essenciais para promover a inclusão e integração cultural, reconhecendo a riqueza cultural e a diversidade dos povos indígenas como parte do patrimônio imaterial do Brasil.

Visto que a cultura brasileira é marcada por uma diversidade étnica que reflete a pluralidade de seus povos. Segundo Silva et al. (2018), essa diversidade é um dos pilares da identidade nacional, sendo fundamental para a compreensão da história e das tradições do país. A valorização das manifestações culturais indígenas, como a música, dança e artesanato, contribui para a preservação e transmissão de saberes ancestrais, além de promover o respeito às diferenças e a convivência harmoniosa entre os diversos grupos étnicos.

No contexto da EJA, a inclusão da cultura indígena no currículo escolar é uma estratégia importante para a valorização da identidade dos alunos e para a construção de uma educação mais justa e equitativa, além de contribuir positivamente no processo ensino-aprendizagem por formalizar um vínculo que, em termos da lei, caberia enquanto cumpridor da obrigatoriedade das legislações da educação – como a erradicação do analfabetismo, a conclusão do ensino fundamental e médio pela população brasileira – de forma integrativa afetuosa e colaborativa, tornando a jornada escolar algo que extrapola as fronteiras de suas origens que remontam à imposição de crenças, ao contrário, promovendo o entrelaçamento das diversidades.

Assim, a integração com elementos culturais indígenas nas práticas pedagógicas da EJA permite que os educandos reconheçam e valorizem suas origens, fortalecendo sua autoestima e pertencimento, pois a cultura está intimamente ligada ao contexto de educação e diversidade, o que é de fundamental importância o entendimento acerca da cultura apesar das propostas pedagógicas ainda não contemplar essa diversidade. (Feldmann et al., 2021).

Logo, uma essa abordagem envolvendo a valorização da cultura local contribui para a desconstrução de estereótipos, preconceitos, segregação e exclusão, promovendo novos rumos para a educação antirracista, inclusiva e que caminha para a valorização dos diversos “Brasis” dentro do Brasil. Para Feldmann et al.(2021), É fundamental que, no âmbito da EJA, se promovam reflexões sobre a cultura, as relações interculturais e o respeito à diversidade presente em nosso cotidiano — valorizando tanto as culturas que produz quanto aquelas que consomem.

A implementação de práticas pedagógicas que envolvem a cultura indígena na EJA requer a adaptação do currículo e a formação dos educadores para lidar com as especificidades culturais dos alunos. Segundo Oliveira & Santos (2020), é necessário que os docentes estejam preparados para trabalhar com a diversidade cultural, adotando metodologias que respeitem e valorizem as tradições e conhecimentos indígenas. Essa abordagem contribui para a construção da educação intercultural, que reconhece e integra as diferentes culturas presentes na sociedade, o que é ainda mais provável de acontecer na realidade presente visto

que, as pessoas que integram o sistema educacional na região são próximas à realidade dos alunos, tendo vínculos familiares, comunitários e sociais com os povos presentes nas escolas, essa aproximação cultural já existe e, ao se trabalhar os saberes culturais dos povos, não se foge do cotidiano que perpassa, até mesmo, a vivência dos agentes da educação, professores, pedagogos, auxiliares, todos tem, em algum ponto, proximidade com o que é trazido pela comunidade discente, ainda que alguns docentes sejam oriundos de outras cidades, essa articulação fluida tem sido possível e admirável, mesmo que se fale em uma minoria no panorama nacional, na Amazônia essa perspectiva difere a depender do estados, cidade, comunidade ou, até mesmo, escola, portanto, não se trata de um público minoritário, mas em comunidades e etnias que lutam diariamente contra apagamento cultural e permanecem em sua região sendo povos que vivem a realidade indígena lado a lado das diversas culturas que hoje também são parte da identidade brasileira. (Feldmann et al., 2021).

Além disso, a participação ativa da comunidade indígena na elaboração e execução das atividades pedagógicas é fundamental para garantir que as práticas educacionais estejam alinhadas com as necessidades e expectativas dos alunos. Conforme aponta Vieira, et. al. (2023), a colaboração entre escola e comunidade fortalece o processo educativo, tornando-o mais significativo e contextualizado. A exaltação dos saberes e práticas ancestrais contribui para a construção dessa educação mais democrática e participativa. Assim, a comunicação da escola com comunidade é imprescindível para a formação do cidadão no contexto escolar, trazendo uma valorização e fortalecimento de atividades locais.

Por conseguinte, arte, enquanto linguagem universal, desempenha papel crucial na expressão e preservação da cultura indígena, as manifestações artísticas, como a pintura corporal, a música e a dança, são formas de comunicação que transmitem valores, histórias e identidades dos povos indígenas. Para Valtierre & Araújo (2023), afirmam que, entre os povos indígenas, a pintura corporal vai muito além da ornamentação, trata-se de uma linguagem, identidade e memória. Cada grafismo carrega significados próprios, que variam conforme a história e os mitos do território de cada grupo representam uma conexão profunda com a natureza e os seres da floresta, e traduzem visões cosmológicas sobre a origem do mundo

marcam também o pertencimento e os ciclos da vida, especialmente nos ritos de passagem. Assim, incorporar esses elementos e outras manifestações culturais na EJA permite que os alunos se conectem com suas raízes étnicas, promovendo o respeito e a valorização desta parcela da população.

A realização de atividades artísticas que envolvem a cultura indígena na EJA também contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos alunos. De acordo com Silva et. al. (2023), as práticas artísticas estimulam a criatividade, a expressão pessoal e o trabalho em equipe, além de promoverem a reflexão crítica sobre questões sociais e culturais. Essas experiências enriquecem o processo educativo, tornando-o mais dinâmico, significativo e fluido.

Por fim, é importante ressaltar que a inclusão da cultura indígena na EJA não deve ser encarada como uma ação pontual, mas como parte integrante de uma política educacional que reconhece e valoriza a diversidade cultural. Vieira, et. al. (2023). É necessário que as escolas adotem práticas e propostas pedagógicas que integrem a cultura indígena de forma contínua e sistemática, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação que respeite e valorize suas origens e identidades.

Aspectos culturais amazônidas

A região amazônica, especialmente o estado do Amazonas, é reconhecida por sua vasta diversidade cultural, resultado de séculos de interações entre povos indígenas, afrodescendentes, migrantes nordestinos e imigrantes internacionais. Essa pluralidade étnica e cultural configura um cenário único, onde práticas, saberes e expressões artísticas se entrelaçam, formando uma identidade regional multifacetada. (Vasconcelos et al., 2017).

No entanto, a percepção da cultura amazônica fora da região muitas vezes é marcada por estereótipos e generalizações, que refletem preconceitos, desinformação e discriminação. Muitos brasileiros associam a Amazônia exclusivamente à floresta e à biodiversidade, negligenciando a riqueza cultural dos seus habitantes. Essa visão reducionista contribui para a marginalização das manifestações culturais locais e dificulta o reconhecimento da Amazônia como um

espaço de produção cultural legítima, para reverter ou minimizar essa visão são necessários iniciativas que buscam contribuir com a prática docente, auxiliando educadores na inclusão de conteúdos sobre a floresta e sua importância socioambiental no contexto escolar. (Greenpeace Brasil, 2022).

Internamente, os próprios habitantes da região enfrentam desafios relacionados à valorização da nossa cultura. A falta de conhecimento sobre as tradições locais, aliada a influências externas, pode levar ao distanciamento das raízes culturais. Além disso, a escassez de políticas públicas que promovam a educação intercultural e a preservação das manifestações culturais contribui para a fragilidade da identidade regional. Para Corrêa & Hage (2012), são necessários políticas e práticas de implementação que afirmem as identidades culturais da região amazônica, mais precisamente no âmbito rural, trazendo um pensamento crítico autêntico contribuindo assim para o desenvolvimento da região.

As marcas profundas que a colonização europeia deixou na cultura amazônica podem ser sentidas e vistas até os dias atuais. O processo de aculturação forçada e a imposição de valores e práticas externas resultaram na perda de muitas tradições indígenas e afro-brasileiras. Esse legado colonial ainda se reflete na estrutura social e educacional da região, onde práticas culturais locais são frequentemente desvalorizadas e marginalizadas. (Damasceno & Miranda, 2020). Para lidar com este cenário, as escolas da região amazônica enfrentam desafios significativos na promoção e valorização da diversidade cultural. Currículos padronizados, distantes da realidade local, e a falta de formação docente em educação intercultural dificultam a inclusão das manifestações culturais amazônicas no ambiente escolar. Além disso, a escassez de recursos materiais e a infraestrutura precária das escolas rurais agravam a situação (Sousa, et al., 2023).

As regiões de áreas rurais são ainda mais delicadas, pois há além da falta de estrutura, desativação de escolas, e a ausência de ampla oferta na modalidade do ensino médio, falta de professores capacitados e até mesmo a dificuldade de acesso as escolas devido longas distâncias até um polo educacional, são algumas das dificuldades encontradas na educação rural da Amazônia, o que contribui de forma incisiva para evasão e retenção de alunos. (Sousa, et al., 2023). Assim, a diversidade cultural da Amazônia transcende a noção clássica de multiculturalismo.

Ela representa um ecossistema de saberes que desafia o modelo hegemônico de escola e impõe à educação inclusiva o dever ético de reconfigurar suas práticas a partir da realidade dos povos originários e ribeirinhos garantindo a igualdade de acesso a educação e cultura. (Cavalcante, Souza & Santos, 2025).

A identidade da região amazônica é fortemente influenciada por fatores históricos, como a colonização e os ciclos econômicos. Desde a colonização dos povos originários até o período republicano, várias culturas foram extintas e outras se mesclaram com a cultura do colonizador. Apesar das dificuldades na formação dessa identidade, a diversidade cultural da região tem suas raízes na miscigenação ocorrida durante a colonização e carrega até hoje uma rica herança étnica. (Damasceno & Miranda, 2020). No entanto, na Amazônia contemporânea, especialmente nos quatro estados que outrora integraram o Grão-Pará, praticamente não existe uma consciência histórica propriamente amazônida. Hoje, muitos amazônidas possuem vaga consciência e ainda incipiente do que é ser amazônida, o que influencia diretamente na manutenção do neocolonialismo e no agravamento dos problemas sociais, econômicos, culturais e ambientais na região. (Cardoso, 2015). Por essas razões se percebe que a educação na Amazônia enfrenta desafios estruturais e epistemológicos que dificultam a promoção da diversidade cultural. O currículo escolar, muitas vezes, não contempla as especificidades culturais da região, resultando em um processo educacional que não reconhece e valoriza as identidades locais.

Arte e cultura no ensino de jovens e adultos

O ensino de artes para jovens e adultos, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é um campo que exige atenção às particularidades desse público, marcado por trajetórias educacionais interrompidas e experiências de vida diversificadas. Um dos maiores desafios é a inclusão social, o acesso e a continuação do trabalhador na escola. (Silva e Barros, 2022). Segundo Silva et. al. (2023), a inserção das artes no currículo da EJA pode promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também contribuir para a reconstrução da identidade cultural dos estudantes, o que é essencial para o resgate de valores e práticas locais, especialmente em regiões culturalmente ricas como a Amazônia.

A arte, nesse contexto, torna-se um instrumento poderoso de inclusão social e cultural, ampliando as possibilidades de aprendizagem e expressão dos alunos adultos. Mantendo o foco que é o resgate dos direitos dessa população, acerca da educação, preservação cultural e validação, respeito às tradições dos povos aos quais faz parte, a possibilidade de livre manifestação de costumes, formas de arte, linguagem e simbologia são a forma prática para isto. (Silva et. al. 2023).

Entretanto, o ensino de artes na EJA enfrenta desafios estruturais e metodológicos significativos. Conforme apontado por Silva et al. (2022), a infraestrutura precária, a falta de materiais didáticos adequados e a insuficiente formação de professores especializados dificultam a efetivação de práticas artísticas eficazes para esse público. Além disso, o ensino em regiões amazônicas sofre com as barreiras logísticas e geográficas, que impactam diretamente na frequência e na qualidade dos materiais e insumos e, conseqüentemente, no aprendizado, aqui é importante fazer um adendo para ressaltar que, grande parte da Amazônia tem, em suas cidades, acesso apenas por vias fluviais, o que é dificultado em tempos de seca dos rios por exemplo, além de ter apenas uma via de acesso do estado do Amazonas para o resto do Brasil que é por meio da BR319, uma das estradas mais perigosas e imprevisíveis do país, que possui longos trechos sem asfalto, sinalização, iluminação, policiamento, ou qualquer tipo de amparo para quem trafega na região, além das condições precárias, os trechos mais próximos do Amazonas e/ou dentro do estado, havendo histórico de quedas, além dos atolamentos na estrada em tempos de chuva, necessidade de travessias por balsas em trechos de ponte caída e de ausência de ponte, apesar da construção da ponte sobre o Rio Negro, esta nunca foi um projeto para ligação do Amazonas com o país, mas uma ligação intermunicipal para valorização da zona que hoje também é compreendida como metropolitana de Manaus, o que era importante para estas áreas, porém as dificuldades com a via de acesso interestadual são ainda mais acentuadas pela ausência de alternativas seguras que pudessem dar conta da demanda por ela atendidas de forma a comportar também as necessidades ecológicas da região que impedem a regularização da via. Desta forma, há um grande paradoxo, pois à medida que a população necessita desta via, o meio ambiente e as comunidades indígenas precisam ser preservados. Segundo

a Universidade Federal de Minas Gerais (2020) a pavimentação desta BR as consequências da pavimentação trariam grandes prejuízos ambientais e a economia brasileira, uma vez que poderia quadruplicar o desmatamento, mais de 40 unidades de conservação e 50 reservas indígenas estariam ameaçadas, além da abertura das terras a grileiros.

Há várias comunidades de diferentes etnias enfrentam dificuldades relacionadas às barreiras logísticas, como a de se tornarem isoladas em tempos de seca dos rios, essas distâncias entre comunidades indígenas e centros urbanos, por exemplo, restringe o acesso a recursos culturais formais, exigindo que as estratégias de ensino sejam adaptadas para a condição climática da região e para valorizar e incorporar o saber tradicional desses povos. (Ferreira, 2023).

A diversidade étnica e cultural presente na Amazônia é uma riqueza incomparável que precisa ser integralmente incorporada ao currículo não somente da EJA. Além disto, estudos recentes destacam que a valorização da cultura indígena nas escolas de adultos não só promove o respeito à identidade dos alunos, como também fortalece a autoestima e o sentimento de pertencimento. (Cunha, 2024). Quando o ensino artístico incorpora elementos culturais locais — como danças, músicas, artesanato e narrativas — cria-se um ambiente escolar inclusivo, onde o conhecimento é construído a partir da realidade vivida pelos estudantes, a própria literatura indígena, por exemplo, trazendo a representatividade garantindo ambientes escolares a inclusão positiva da história e cultura, contribuindo para a quebra de estereótipos muitas vezes trazidos nos próprios livros didáticos conforme ressaltam (Moura et al. 2021).

Outrossim, reconhecer e acolher as diferentes expressões culturais das populações indígenas e ribeirinhas é fundamental para o desenvolvimento de uma educação plural e democrática. Para isso, a mediação cultural no ensino de artes deve considerar as especificidades linguísticas, simbólicas e rituais desses grupos, trazendo assim os termos “multicultural” e “pluricultural” como defende Barbosa (2017). Para isso, segundo o autor, é necessário a inserção da cultura local no sistema de ensino. A inserção dessas manifestações culturais em sala de aula permite a superação de estigmas e preconceitos, contribuindo para a construção

de uma sociedade mais justa e equitativa, que respeite a diversidade cultural enquanto direito humano.

Os benefícios do ensino de artes na EJA transcendem o desenvolvimento técnico e estético, este segundo inclusive não ocupa espaço significativo enquanto reforçador cultural por estar permeado de influências estrangeiras, midiáticas e que refletem inclusive preconceitos estruturais, portanto a arte em si, neste contexto, implica na produção artística enquanto componente cultural, de símbolos e significados alinhados aos aspectos históricos, sociais e tradicionais dos povos envolvidos. Todos estes componentes tem impacto diretamente na saúde mental e emocional dos alunos. Os benefícios desta abordagem enquanto à aplicação da arte no contexto do EJA, podem ser vistos em pesquisas como a de Pinheiro & Paes (2024) que demonstra que a expressão artística favorece a redução do estresse, o aumento da criatividade e a melhoria da autoconfiança em adultos que retornam à escola. Isso é particularmente relevante em contextos de vulnerabilidade social, como os enfrentados por muitos estudantes na Amazônia, onde as condições socioeconômicas adversas podem gerar barreiras ao desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Os desafios do ensino artístico para a EJA nesta região também passam pela necessidade de formação continuada e específica dos professores. De acordo com Santos & Amorim (2023), educadores precisam estar preparados para trabalhar com metodologias que valorizem o protagonismo dos alunos e o diálogo intercultural, considerando as diferenças de saberes e vivências. Para que isto se torne realidade, é necessária a criação e implementação de políticas públicas que invistam na capacitação docente, além do fornecimento de materiais didáticos contextualizados e recursos pedagógicos que dialoguem com as culturas locais.

Outro aspecto relevante é a resistência cultural e social que pode existir no ambiente escolar e nas comunidades em relação à introdução de novas práticas pedagógicas, especialmente aquelas que envolvem a cultura indígena e outras expressões culturais não hegemônicas. Conforme apontado por Vieira, et. al. (2023), é necessário um trabalho contínuo de sensibilização e construção coletiva do currículo, que envolva não apenas os educadores, mas também as famílias e lideranças comunitárias, garantindo a legitimidade e o respeito às tradições locais.

A arte, nesse sentido, torna-se um elemento facilitador para a integração cultural, pois promove a troca de experiências e a valorização das identidades coletivas. Segundo Cunha (2024), atividades artísticas participativas e produções culturais como a ciranda, por exemplo, além de trazer um ressignificado, buscando uma valorização da cultura e identidade local, podem ser eficazes para fortalecer os vínculos sociais e estimular o engajamento dos alunos na escola, fatores essenciais para a redução da evasão escolar na EJA. Assim, o ensino de artes não apenas enriquece o currículo, mas também atua como um agente de transformação social, manutenção da colaboração com o bem estar da comunidade escolar e cumprimento das diretrizes em educação e preservação dos direitos dos jovens e adultos ao acesso à educação.

Por fim, a incorporação da arte e da cultura indígena no ensino de jovens e adultos representa uma estratégia imprescindível para a construção de uma educação pluridimensional e inclusiva. Conforme defende Nascimento (2023) reconhecer a diversidade cultural é parte do processo educativo como elemento estruturante que contribui para a valorização da identidade dos estudantes e o fortalecimento das relações interculturais no ambiente escolar, logo, o currículo escolar precisa ser flexível e atender a realidade local, respeitando a diversidade presente nas escolas brasileiras. Dessa forma, o ensino artístico se apresenta como uma via para a democratização cultural, permitindo que os alunos da EJA se apropriem de seus saberes e tradições, tornando-se protagonistas de sua própria história e cultura.

Em síntese, o ensino de arte e cultura na EJA na Amazônia é complexo e envolve um gama de desafios e potencialidades. Ao reconhecer a diversidade cultural e étnica local, valorizar as expressões artísticas tradicionais e investir na formação dos educadores, é possível promover uma educação que respeite a identidade dos alunos e contribua para sua inclusão social e cultural. Dessa forma, projetos que integrem arte, cultura e educação na EJA não só enriquecem o currículo, como também promovem o fortalecimento das comunidades e a valorização da diversidade como patrimônio coletivo que é parte significativa da composição cultural brasileira, ainda que por muito tempo apagada e inferiorizada em detrimento da bagagem cultural colonizadora, que formou o padrão de beleza,

cultura e *status* que, até os dias atuais persistem em diversas regiões, mas que, graças a iniciativas como estas tem dado espaço ao que sempre esteve aqui, desde antes da colonização, os povos originários.

Resultados

A escola constitui um espaço fundamental para a promoção de abordagens educacionais que valorizem as diversidades culturais locais, sendo o ambiente propício para a inclusão de temáticas relacionadas à arte e à cultura dos povos indígenas. No contexto do município de Urucará, localizado na região amazônica, há a presença significativa de povos originários, como os Hyskarianas, cuja cultura tradicional permanece viva, ainda que pouco explorada nas instituições escolares locais. O desenvolvimento das atividades extensionistas, realizadas no mês de abril, data em que se celebra o Dia dos Povos Indígenas, proporcionou uma oportunidade singular para integrar a temática indígena à rotina da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Reunidos do Tio Pedro.

Para alcançar os objetivos do projeto, que consistiam em compreender o conceito de arte e seu impacto na inclusão escolar por meio da música e da dança, foi organizado um evento cultural na escola, denominado “Atividade Cultural”. Este evento contou com o apoio da instituição escolar, que cedeu o espaço e facilitou a participação dos alunos, que frequentam o turno noturno na modalidade EJA. A escolha por esse público reforça a importância de reconhecer e valorizar as experiências culturais prévias dos educandos adultos, muitas vezes distantes da vivência acadêmica formal, mas carregadas de saberes ancestrais. Segundo Feldmann et al. (2021) a educação para jovens e adultos deve ser pautada na valorização da identidade cultural dos aprendizes, promovendo um diálogo entre saberes tradicionais e conhecimento formal, com vistas à construção de uma aprendizagem significativa.

Durante o evento, foram promovidas palestras que abordaram o conceito de arte, destacando a expressão artística dos povos indígenas da Amazônia. Para enriquecer essa discussão, foram realizadas apresentações culturais que envolveram danças e músicas tradicionais, incluindo o Boi Bumbá, um elemento cultural emblemático da região norte do Brasil. Essas manifestações foram

cuidadosamente ensaiadas pela equipe organizadora e por alunos voluntários, demonstrando o engajamento comunitário e o potencial da arte como instrumento de inclusão e valorização cultural levando a introdução de práticas culturais regionais no ambiente escolar amplia o repertório cultural dos alunos e fortalece a autoestima coletiva, especialmente em contextos de diversidade étnica.

A análise do sistema de ensino EJA mostrou que os alunos, em sua maioria, possuem experiências de vida distantes do universo cultural indígena, e que há uma escassez de atividades extraclasse que permitam a ampliação do conhecimento científico e o debate sobre as artes e culturas indígenas locais. Tal constatação reforça a necessidade de inserir, de forma contínua e sistemática, conteúdos que dialoguem com as tradições culturais presentes na comunidade. Durante a atividade, alguns participantes revelaram ser descendentes dos povos indígenas abordados, mas admitiram desconhecimento sobre a sua própria ancestralidade cultural. Essa lacuna entre o pertencimento étnico e o conhecimento histórico-cultural ressalta a importância de ações educativas que promovam a reconexão com as raízes identitárias, buscando romper com paradigmas eurocêntricos, considerando a pluralidade da sociedade brasileira. (Nunes et. al., 2024).

Além das apresentações ao vivo, foram exibidos vídeos gravados na Aldeia Santa Maria, localizada no Rio Jatapu, Urucará, que mostravam danças tradicionais do povo Hyskarianas. A exibição desses vídeos aproximou os alunos da realidade vivida por essa comunidade ancestral, que mantém contato direto com a cidade para atividades cotidianas, como compras e educação básica. Essa proximidade geográfica e social proporciona um terreno fértil para a construção de pontes entre o conhecimento tradicional e o aprendizado acadêmico formal, conforme sugerido por Costa & Gomes Júnior (2017), que defendem a integração dos saberes indígenas nas práticas pedagógicas para a valorização da diversidade cultural regional.

A participação ativa em movimentos culturais, exemplificada pela atividade realizada, contribuiu para o fortalecimento da identidade dos povos indígenas e para o reconhecimento da sua relevância cultural no ambiente escolar. A educação, nesse contexto, não se restringe à transmissão de conteúdos formais, mas assume

o papel de instrumento de desconstrução de preconceitos, estereótipos e exclusões históricas, conforme reforçam (Nunes et. al., 2024). A sensibilização promovida pela atividade cultural promoveu o despertar para o autoconhecimento e a valorização das origens, ampliando a consciência sobre a pluralidade étnica que compõe a Amazônia.

A música “Tribos Brasil”, interpretada pela equipe e alunos, destacou-se como um elemento potente para a reflexão sobre a diversidade dos povos amazônicos. A letra da canção menciona várias tribos indígenas, despertando nos participantes a percepção da multiplicidade cultural e o entendimento equivocado de que os povos indígenas constituem um grupo homogêneo. Esse momento gerou discussões e questionamentos, promovendo a conscientização sobre as especificidades culturais e a riqueza da diversidade amazônica, alinhado com as perspectivas de Gonçalves (2017), sobre a importância da arte para a educação intercultural.

Complementando as atividades, foram realizadas dinâmicas que estimularam o engajamento dos alunos, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e a vivência cultural. A “Atividade Cultural” teve duração aproximada de duas horas, iniciando às 19 horas e encerrando às 21 horas, culminando com a distribuição de lembrancinhas temáticas, como tucupi com pimenta, pipocas, paçocas e canetas personalizadas, produzidas pela equipe da FAMETRO. Esses elementos tangíveis reforçaram o vínculo afetivo e a valorização da cultura local, criando uma experiência educativa rica e significativa, conforme aponta Tavares (2017) sobre a importância dos recursos culturais na consolidação da identidade em contextos educacionais.

Dessa forma, o desenvolvimento das atividades demonstrou que a escola pode e deve ser um espaço de promoção da diversidade cultural, valorizando as culturas indígenas presentes na região amazônica e ampliando o acesso a saberes que tradicionalmente não são incluídos no currículo formal. A iniciativa reforça a necessidade de políticas educacionais que incentivem a inclusão cultural, sobretudo na EJA, proporcionando um ambiente de respeito, reconhecimento e valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira. Este trabalho reafirmou o papel da educação como instrumento transformador e de

resistência cultural, essencial para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.

Considerações Finais

A realização da Atividade Extensionista IV na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com enfoque na valorização da arte e da cultura indígena, evidenciou a potência transformadora da escola como espaço de inclusão, reconhecimento e reconstrução de saberes. Ao integrar práticas culturais com vivências escolares, foi possível ampliar o sentido da educação para além do conteúdo formal, promovendo o resgate identitário e a valorização das manifestações culturais amazônicas no contexto escolar, especialmente em regiões historicamente marcadas pela diversidade étnica e pela presença de povos originários. Durante o desenvolvimento das ações, percebeu-se o impacto positivo da abordagem artística e cultural para o público-alvo da EJA, que demonstrou grande interesse, envolvimento e identificação com a proposta. A escolha do tema permitiu não apenas ampliar o repertório cultural dos participantes, mas também conectá-los com suas próprias raízes, estimulando reflexões sobre identidade, pertencimento e reconhecimento social.

A apresentação de danças, músicas e tradições indígenas mostrou-se uma via acessível e significativa para fomentar debates importantes sobre a pluralidade cultural brasileira, visto que compreender o que faz parte da realidade do país vai muito além das épocas de festivais folclóricos, é estar desde a base tendo acesso ao que tem origens nos povos indígenas, lembrando que, apesar de muito se falar em povos originários como um todo, a vastidão étnica está inclusa e perpassa densamente este termo, são várias culturas que, ainda que resumidas em apenas uma terminologia, tem crenças, hábitos, línguas, símbolos, conhecimentos, especialidade, vivências, conexões diferentes com o que hoje entende-se como micro, meso e macro ambientes, construções de subjetividade e de fatores identitários.

Assim a atividade cultural desenvolvida na Escola Municipal Reunidos do Tio Pedro, em Urucará-AM, representou uma experiência significativa de valorização dos povos indígenas locais, especialmente os Hixkaryana. O evento oportunizou

que os estudantes compreendessem melhor o papel dos povos originários na formação histórica e cultural da região, proporcionando uma vivência prática que integrou o conteúdo teórico com manifestações artísticas reais e próximas da comunidade escolar, fortalecendo o diálogo entre educação e cultura.

Ao longo do processo, constatou-se que, mesmo vivendo em uma região com forte presença indígena, muitos estudantes da EJA pouco conheciam ou valorizavam os saberes tradicionais e os modos de vida desses povos, consequência clara da influência colonizada que o país sobre até os tempos atuais, falar sobre povos indígenas é hoje uma forma de reparação histórica frente a este apagamento que levou os brasileiros a adotar a cultura europeia enquanto padrão ideal e apartar-se a ideia de beleza, conhecimento ou valor quando referentes à cultura indígena. Essa atividade proposta, portanto, cumpriu um papel essencial ao promover a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o saber tradicional, rompendo com estereótipos e contribuindo para a desconstrução de preconceitos que ainda persistem em relação aos povos indígenas e suas culturas.

Além dos benefícios pedagógicos e socioculturais, a experiência também evidenciou os desafios enfrentados por esse segmento da educação. A falta de ações sistemáticas voltadas para a cultura regional, aliada às limitações estruturais e pedagógicas das escolas, torna iniciativas como essa pontuais, quando deveriam ser contínuas. A ausência de políticas públicas voltadas à valorização cultural no currículo da EJA ainda é um entrave significativo para a efetiva inclusão da diversidade nas práticas educativas.

Por outro lado, o envolvimento ativo da comunidade escolar, bem como o interesse e engajamento dos estudantes adultos, revelam que há espaço e demanda para o desenvolvimento de práticas educativas culturalmente relevantes. A articulação entre universidade, escola e comunidade mostrou-se eficaz e essencial para a construção de uma proposta de ensino mais significativa, sensível às realidades locais e comprometida com a formação integral e igualitária dos sujeitos.

Dessa forma, é possível afirmar que experiências como a promovida por este projeto não apenas cumprem um papel formativo, mas também fortalecem o papel social da escola como agente transformador. Trabalhar com a arte e a cultura dos

povos indígenas no ensino de jovens e adultos é um passo importante para a construção de uma educação mais democrática, plural e comprometida com a justiça social, capaz de reconhecer os diferentes saberes e trajetórias presentes no ambiente escolar. Valorizar a arte e a cultura entrelaçadas aos saberes e costumes indígenas na EJA é também validar as histórias e identidades dos sujeitos que compõem esse espaço. A partir dessa experiência, vislumbra-se a possibilidade de ampliação e institucionalização de práticas educativas que dialoguem com a realidade dos estudantes, reconhecendo a diversidade como um ativo pedagógico e social. Investir na educação culturalmente situada é investir na construção de uma sociedade mais inclusiva, consciente e solidária, onde todas as vozes, inclusive as ancestrais, possam ser ouvidas e respeitadas.

Referências

- Barbosa, A. M. T. B. (2017). Educação e desenvolvimento cultural e artístico. *Educação & Realidade*, 20(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71713>
- Cardoso, J. M. (2015). *A produção da identidade amazônida – um olhar discursivo*. Revista Linguagem, 23(1), 49–62. <https://doi.org/10.5965/223826862312015049>
- Cavalcante, da Silva Érita, Alves de Souza, R. de C., & Mendes Tomaz dos Santos, G. (2025). ESTADO DO CONHECIMENTO: um mapeamento das produções científicas sobre a Educação Inclusiva na Educação Infantil da Amazônia Ocidental e Oriental no triênio 2020-2022. *Momento - Diálogos Em Educação*, 34(1). Recuperado de <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/17407>
- Costa, C. F. do N., & Gomes Junior, C. M. (2017). Saberes docentes indígenas: um estudo das práticas pedagógicas em aulas de ciências nas escolas Xukuru, Pesqueira-PE. *Travessias*, 11(2), e16274. Recuperado de <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16274>
- Corrêa, S. R. M., & Hage, S. A. M. (2012). Amazônia: A urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais. *Revista NERA*, (18), 79–105. <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i18.1336>
- Damasceno, A., & Miranda, J. I. (2020). Colonização e educação na Amazônia portuguesa (1500-1757). *Educação*, 45(1), e108/ 1–28. <https://doi.org/10.5902/1984644437931>

- Feldmann, M. G., Nunes, A. L. P., & Miranda, H. P.. (2021). Cultura e interculturalidades na EJA. *Revista Internacional De Educação De Jovens E Adultos*, 3(06), 156–170. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/11236>
- Ferreira, I. da S. (2023). Logística de transporte no Alto Solimões: um estudo sobre os desafios enfrentados pelas embarcações para o transporte de cargas e passageiros durante o período de vazante dos rios (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Amazonas). Universidade Federal do Amazonas.
- Greenpeace Brasil. (2022). Amazônia explicada: povos originários e a proteção da floresta. Greenpeace. Recuperado de: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-explicada-povos-originarios-e-a-protecao-da-floresta/>
- Gonçalves, S. (2017). Arte, Educação e Cultura numa Perspetiva Intercultural. *Medi@ções*, 5(1), 136–154. <https://doi.org/10.60546/mo.v5i1.152>
- Moura, D. F. de, de Borba Alves, M. L., Martins de Freitas, E., Naves dos Santos Melo, F. C., de Oliveira Gonçalves, J., Pinheiro de Souza, J., do Nascimento, M. C., Belo de Araujo, M. H., Ribeiro de Brito, T., & Rodrigues da Cunha, T. (2021). A representatividade indígena nas escolas: despertando um novo olhar. *Revista Master - Ensino, Pesquisa E Extensão*, 6(11), 77–87. <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v6i11.156>
- Nascimento, M. R. A. do. (2020). Cultura, diversidade e diretrizes para a educação escolar indígena. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 18(4), 1934–1956. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i4p1934-1956>
- Nunes, C., Alves-Brito, A., & Pereira, F. G. (2024). Pertencimento étnico-racial e educação no contexto afro diaspórico. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 18(46). Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1823>
- Oliveira, A. S., & Santos, D. P. (2020). Diversidade cultural e práticas pedagógicas na EJA: desafios e possibilidades. *Revista Educação e Diversidade*, 18(1), 23-37. <https://doi.org/10.1590/red.v18i1.2020>
- Paes, J. da S., & Monteiro, K. P. (2024). Um ensaio sobre a docência: As perspectivas do magistério no ensino público do Brasil. *AMazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 17(1), 959-978.
- Pinheiro, D. M. S., & Paes, J. da S. (2024). A perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty em Arteterapia e transtornos mentais: uma revisão de

literatura. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 17(1), 835-866.

- Santos, A. E., Conceição, A. P. S. ., & Amorim, A. . (2023). A Formação Docente na EJA: uma política de responsabilidade pública. *Revista Internacional De Educação De Jovens E Adultos*, 5(09), 123–134. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/15611>.
- Santos, L. A. V. dos, & Pappámikail, L. (2017). Arte e inclusão social: Uma análise sobre a importância de projetos artístico-culturais numa escola brasileira de ensino profissional e tecnológico. *Revista da UI_IPSantarém*, 5(3), 66–80.
- Silva, D. M., Ribeiro, A. C. D., & Brum, D. V. (2018). A identidade do Brasil é a diversidade: Um estudo das características históricas, culturais, regionais e linguísticas. *Humanidades & Inovação*, 5(6), 57–69. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/675>
- Silva, G. A. da, Cruz, S. R. da, Lima, T. R. de, Mélo, D. L. de, Moram, C. B. de M., Rocha, R. S. da, Soares, G. de J. N., Costa, C. R. da, & Santos, L. M. da S. (2023). Performance na educação: Criatividade, reflexão crítica e transformação social como abordagem artístico-pedagógica. *Anais do IX CONEDU*. Realize Editora. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/99137>.
- Silva, M. L., & Barros, R. C. (2022). Educação de jovens e adultos na Amazônia ribeirinha: A experiência da Ilha Xingu, Abaetetuba–PA. *Revista Saberes Pedagógicos*, 6(1), Art. 7240. <https://doi.org/10.18616/rsp.v6i1.7240>
- Sousa, P. F. S. e, Sousa, W. S. de, & Ximenes-Rocha, S. H. (2023). Educação e Pedagogia da alternância na Amazônia: O protagonismo e a resistência do jovem alternante. *Revista Inter-Ação*, 48(1), 200–215. <https://doi.org/10.5216/ia.v48i1.72028>
- Tavares, S. C. (2017). Educação e identidade: os materiais didáticos como instrumentos de reconstrução dos valores culturais (Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências). UNESP.
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2020, 5 de novembro). Pavimentação da BR-319, na Amazônia, pode quadruplicar desmatamento. UFMG Comunicação.
- Valtierre, T. P., & Araújo, J. N. (2023). A importância da pintura corporal nas crianças indígenas: ritual e passagem na cultura Tenharin Kagwahiva. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades*, 7(2), 140–162. <https://doi.org/10.37885/periodicos.ufam/rech.v7i2.12891>

Vasconcelos, M. E. O., Hage, S. A. M. (Orientador). (2017). *Educação do campo no Amazonas: história e diálogos com as territorialidades das águas, das terras e das florestas* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Disponível em <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10913>

Vieira, Samua D.. M., dos Santos Bernardi, L., & Hillesheim, L. P. (2023). Da comunidade para escola e da escola para comunidade: um processo educativo na formação das juventudes: De la comunidad a la escuela y de la escuela a la comunidad: un proceso educativo en la formación de jóvenes. *Revista Cocar*, (22). Recuperado de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6956>.

Recebido: 01/05/2025.

Aprovado: 26/06/2025

Publicado: 01/07/2025

Autoras:

Klévia Paes Monteiro

Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial - Faculdades Idaam, especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG), especialista em Metodologia em História e Geografia pela Faculdade Acesita - Timóteo (MG), graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em licenciatura em História pela Universidade Estácio de Sá - Amazonas. Graduanda em enfermagem pela Fametro - AM (Pólo Urucará). Professora no Centro educacional de tempo integral Pedro Falabella – Urucará/AM. E-mail: kleviapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0140-2857>

Jane da Silva Paes

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Bacharela em Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais – UFAM. Professora de cursos livres em psicologia pelo Instituto de Ensino Vision. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN (FAPSI/UFAM). E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>